



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



POR UMA HISTÓRIA DO FUNK SENSUAL: AUTONOMIA SEXUAL

Gabriela Farias Oliveira¹

RESUMO: A pesquisa compõe parte do meu TCC onde abordo a autonomia sexual das mulheres negras, destacando como historicamente foram reprimidas e objetificadas. A colonização e a escravidão desenvolvem-se para a desvalorização de suas identidades e desejos. O surgimento do funk sensual permitiu que mulheres negras expressassem seus desejos e promovessem debates sobre prazer, autonomia sexual e prevenção. Através do documentário “Sou Feia Mas Tô Na Moda” de 2005 são apresentados testemunhos de mulheres faveladas que falam sobre a importância do diálogo sobre sexo e a necessidade de desafiar estereótipos. O funk não apenas ofereceu entretenimento, mas também serviu como plataforma para a conscientização e empoderamento sexual das mulheres negras e faveladas.

Palavras-chave: Mulheres negras; Funk Sensual; Autonomia Sexual.

INTRODUÇÃO

O tema tratado no artigo a seguir, compõe parte do meu TCC, intitulado “*O funk sensual do Rio de Janeiro e a importância da saúde sexual da mulher favelada*”.

Por muitas décadas o desejo sexual feminino foi reprimido por outros, em sua maioria por homens ou por mulheres que reproduziam o imaginário masculino em relação às sujeitas negras. Uma narrativa intrincada da experiência das mulheres negras ao longo da história revela uma teia complexa de opressão, onde a interseção de raça e gênero coloca essas sujeitas em uma posição marginalizada, muitas vezes negligenciada ou violentada. É importante ressaltar aqui, que todas as mulheres na história, sofreram com os ideários machistas, porém, na escala de hierarquização racial, a mulher negra é a sujeita especificamente atingida por localizar-se na última esfera.

Contudo, em meio a esse contexto desafiador, no Brasil, surge o subgênero musical funk sensual, como uma plataforma de resistência e expressão para as mulheres negras, jovens e faveladas. Este subgênero não apenas quebrou barreiras em um espaço predominantemente masculino, mas também desencadeou diálogos sobre a autonomia sexual feminina e o direito ao prazer. O funk sensual torna-se, assim, um veículo para redefinir narrativas, conscientizar

¹ Gabriela Farias Oliveira, formada em História pela UFMS, foi orientada pelas Profa. Dra Dulceli Tonet Estacheski e Profa. Dra Ana Meira. profagabsfso@gmail.com



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



sobre o corpo e os desejos sexuais, e desafiar os estigmas impostos principalmente às mulheres negras. Para realização da pesquisa, foram utilizadas músicas de funk feita por mulheres negras na década de 2000, comentários de sujeitas funkeiras em sites antigos da internet e o documentário “Sou Feia Mas Tô Na Moda - 2005”

DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

No documentário intitulado “Sou Feia Mas Tô Na Moda” (2005) de Denise Garcia, material audiovisual que carrega o nome da música de Tati Quebra Barraco, é dialogado sobre o funk sensual, o início desse movimento, os percalços, entrevistas com funkeiros e pesquisadores e é apresentada a persona de Deize, mulher negra e que de certa forma, ganha o papel de “narradora” do movimento funkeiro, e não seria para menos.

Ao início do documentário, Deize Tigrona, está rodeada por homens, os “garotos”, como ela chama, andando pelas ruas da Cidade de Deus, e apresenta cada um deles e sua amiga com carinho:

“Aqui é o Preto de Elite, o Cleber Preto, o Tico, aqui tá Os Havaianos, Tentação do Funk. Essa aqui é minha amiga Ramona Guity. Foi daqui desde que o Duda começou a lançar os grupos, né, desde que eu comecei a cantar, né, eu tenho o prazer de falar, de mencionar aqui pra vocês que eu saí arrastando geral, tipo Carrasco, Bonde do Tigrão, Bonde do Vinho, Faz Gostoso, Preto de Elite, Os Havaianos, Tentação do Funk, né, Tati Quebra Barraco, Serginho e Lacreia. Tudo bem, não são daqui, mas também a inspiração veio daqui, né, porque se não fosse a gente aqui a começar... foi daqui da Cidade de Deus que saiu para... o funk para geral.”

Há algumas simbologias que analisei nesta cena, o apelido dos garotos, com a nomenclatura “preto”, logo após o nome, deixa evidente sua cor, e até mesmo, uma forma de resistência ao racismo e a colonialidade do pensar:

Logo, o modo racista de organização social no Brasil é naturalizado porque uma minoria branca detém o poder político, econômico, cultural, e, ainda, o controle sobre os grandes meios de comunicação, importantes para a disseminação dos ideais que constituem esse grupo. (TELLES, ZAMORA, ROZANTE, 2021, p. 73)

Por mais que esses sujeitos, talvez, não tivessem contato, ou estudassem a questão da raça, haviam músicas que abordavam o orgulho de ser preto, como o funk “Som de Preto - Amilcka e Chocolate” de 2005:



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



É som de preto de Favelado Demoro
Mas quando toca ninguém fica parado

Tigrona é considerada a pioneira e rainha do funk sensual, pois, nos registros históricos e na própria fala, ela intitula-se como a primeira mulher dentro do movimento funkeiro carioca a cantar nos palcos e produzir músicas abordando a questão da autonomia sexual das mulheres. Há relatos de que suas primeiras abordagens dentro desse universo ocorreram por volta de 1997, contudo, seu estouro na mídia veio no ano de 2002, com a faixa “Injeção”.

Outra simbologia que analisei nesta cena inicial do documentário, é como a imagem de Deize rodeada por homens é poderosa, é perceptível como eles reconhecem ela como uma sujeita potente, no quesito de reconhecerem sua força como condutora de mudança dentro do movimento, eles não a conduzem, e sim, são conduzidos por ela.

Após alguns minutos de documentário, Deize apresenta o que é o funk sensual:

“Mas antigamente havia o baile funk, mas só havia o baile funk de, ... como é que é? De lado A e lado B, que era o country, baile country, onde havia baile de briga [...] -- E passou a ser o funk do prazer, onde todo mundo rebola.”

O funk vivia os anos dos bailes de briga, mas, começou a mudar por conta da sensualidade presente nas suas músicas. Com a inserção de vozes femininas nos bailes, o cenário deixou de ser algo agressivo e passou a ser prazeroso.

Dj Duda conta: “O funk estava em decadência total, vivendo há vários anos, naquela de baile de briga, baile de incentivo à violência, a gente conseguiu pular, mudar toda a ideia do funk.”

Sensualidade, prazer e dança, todo esse conglomerado tornou os bailes cada vez mais populares, aumentando a insurgência de vozes de mulheres, não só Tigrona teve seu papel, mas incentivou outras sujeitas a entrarem nesse universo, Vanessinha Pikachu, Valeska Popozuda (Gaiola das Popozudas), Tati Quebra Barraco, Juliana e as Fogosas.

Ainda mais que prazeroso, elas foram cruciais para mudar a realidade de outras mulheres dentro da favela, a presença das vozes negras, dentro do universo funkeiro, trouxe a representatividade para outras mulheres negras, juntamente à elas outros diálogos vieram à



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



tona, entre eles um tema repleto de tabus, a saúde sexual de mulheres negras e faveladas.

É correto afirmar que mulheres brancas também estavam em cena nesse período, comocitei acima grandes nomes, e também ajudaram a construir o ideal da prevenção sexual, porém, o presente trabalho aborda personalidades negras por haver uma maior identificação entre essas mulheres.

Vamos para um jogo de análise, quando estouramos a nossa bolha social midiática, podemos perceber que o tratamento referente às sujeitas negras no nosso sistema-mundo² não é dos melhores, através do nosso dia-a-dia é possível ver que até dentro do mercado, a mulher negra é perseguida por um segurança.

Essas práticas vigentes no ambiente em que vivemos, muitas das vezes, são dificilmente analisadas se você não vive na pele de uma pessoa preta, não estuda sobre racismo estrutural ou não presencia tais atos.²

A pele preta de uma mulher não é vista como bela, pois, os padrões de beleza pré estabelecidos, apontam que a beleza ideal é a branca, assim, a autoestima dessas sujeitas é abaixada a zero. Sentir-se bonita não apenas é algo subjetivo, mas, torna-se também, a opinião de um sistema complexo, capitalista e branco, que vai ditar as regras de beleza.

Para esse sistema retroalimentar-se ele vai apropriar da modernidade/colonialidade:

A colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais. A "descoberta" do Novo Mundo e as formas de escravidão que imediatamente resultaram daquele acontecimento são alguns dos eventos-chave que serviram como fundação da colonialidade. (MALDONADO, 2020, p-36)

Para Grosfoguel:

O racismo é um princípio constitutivo que organiza, a partir de dentro, todas as relações de dominação da modernidade, desde a divisão internacional do trabalho até as hierarquias epistêmicas, sexuais, de gênero, religiosas, pedagógicas, médicas, junto com as identidades e subjetividades, de tal maneira que divide tudo entre as formas e os seres superiores (civilizados, hiper-humanizados, etc., acima da linha do hu-mano) e outras formas e seres

² O conceito de "sistema-mundo" é uma alternativa ao conceito de "sociedade". Ele é utilizado para romper com a ideia moderna que reduz "sociedade" às fronteiras geográficas e jurídico-políticas de um "Estado-nação". Em um sentido comum eurocêntrico moderno, o conceito de "sociedade" é utilizado como um equivalente a "Estado-nação" e, por conseguinte, existem tantas sociedades quanto Estados-nações no mundo. (GROSFOGUEL, 2016, p. 55).



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



inferiores (selvagens, bárbaros, desumanizados, etc., abaixo da linha do humano). “GROSFOGUEL, 2016, p-59)

Através dessa reflexão da colonialidade e da herança histórica da escravidão no Brasil, é possível perceber a evidência do racismo como papel constitutivo na modernidade, perpetuando as divisões hierárquicas raciais, assim, a mulher negra emerge como alvo brutalmente atacado não só fisicamente, como também pelo seu subconsciente, “seu corpo é constantemente atribuído a algo masculinizado e forte, na tentativa de torná-lo indesejável e a resposta para sua escravidão”. (bell hooks, 2020)

Dessa maneira, o corpo da mulher negra, torna-se a todo custo, sexualizado e objetificado, sendo explorado sexualmente, tanto para satisfação sexual masculina, quanto para geração de novos escravizados.

Mas, o que o funk sensual tem haver com autonomia feminina?

Ao surgimento do subgênero funk-sensual, percebemos que cada vez mais ocorre a evidência de mulheres negras, jovens, dominando um ambiente que antes, era tido como masculino. Essas sujeitas, ao passo que reivindicam seu lugar nos bailes e nos palcos, começam a trazer à tona um debate pouco discutido, o direito do prazer da mulher, em suma, a favela e negra.

Acontece que, por conta de todo processo de escravização, masculinização, violação de seus corpos, a desvalorização dessas sujeitas culminou na exploração sexual das mesmas, por anos a fio. Outro fato é que, esse processo também marcou a solidão da mulher negra:

“Histórica e culturalmente, as características fenotípicas da mulher negra são relacionados a padrões negativos e expressões racistas como “cabelo ruim”, “cabelo bombril”, “nariz de batata”, “beijo de nego” são naturalizadas e aceitas em diálogos de maneira habitual. Para além disso, a mulher negra também é hipersexualizada e associada ao trabalho servil, sendo ignorados completamente seus desejos sexuais e afetivos como pessoa humana”. (XAVIER, Raissa, 2021, p-17)

Por conta disso, a mulher negra passou a aceitar qualquer demonstração meramente afetiva, por serem abusadas por muito tempo, seu desejo sexual e direito de escolha sobre seus amantes foram extintos, trazendo à população o ideal de que essas sujeitas aceitariam qualquer tipo de prerrogativas que lhes fosse imposta.



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



Ao passo que o funk sensual ganha notoriedade, as vozes das mulheres, em suma negras, que expunham explicitamente seus desejos sexuais nas músicas, começa a gerar em outras sujeitas faveladas o sentimento de não aceitação de processos que historicamente lhes foram impostos. Conscientizando essas mulheres sobre seu corpo, desejos sexuais e prevenção sexual.

No documentário de Denise Garcia de 2005, intitulado “Sou Feia Mas Tô Na Moda” (referência à música de Tati Quebra Barraco), apresenta algumas mulheres faveladas e em como o funk mudou suas vidas.

Andrea, mulher negra, salienta: “Ah, muitas mulheres eram muito acanhadas em fazer as coisas, entendeu, então o que aconteceu, a música incentivou as mulheres a botá pra fora como a Tati canta “bota na boca, bota na cara”, então hoje é mais aberto.”

E Andrea segue dizendo em outro trecho do documentário:

“Comprar o anticoncepcional para ela tomar, entendeu, e mandar ela usar bastante camisinha, porque, né, conforme as várias, minha filha também tá nessa, que, né, a gente mora aí, então a gente não tem do bom e do melhor para poder dar a nossos filhos, a gente soa (sic) e corre atrás, mas não pode, né, nem tudo, mas a gente chega lá.”

Outra mulher negra entrevistada no documentário, Denise, diz:

“Pelo menos eu tenho minha filha, a mais novinha está com 4 anos. Eu aprendi na rua, que minha mãe não tinha liberdade de conversar comigo sobre sexo. Então, o que vou fazer com minha filha? Eu vou conversar. Eu vou tentar ser liberal com ela pra ela poder ter confiança em mim, entendeu, pra não acabar acontecendo com ela o que aconteceu comigo: eu me perdi com 11 anos e com 16 já era mãe. Não me arrependo. Tô aí, graças a Deus, meu mais velho está com 15 anos. Mas falta de diálogo e se a gente não olhar pros nossos filhos daqui pra frente pior mais vai ficar.”

Não apenas as falas das mulheres mais velhas são apresentadas, como a da jovem Raquel, que quebra com o paradigma de que todas as mulheres faveladas e funkeiras serão mães na adolescência:

“Tem isso também. Eu sendo dessa forma... Não estou me espelhando no funk para uma coisa dessas. Como ela falou, muitas garotinhas novas aqui estão crescendo nisso e eu não. Tô aí, simplesmente. E não é porque vai para o baile funk e vai engravidar. Eu já curti vários bailes funks na minha vida e hoje em dia eu sou o que sou.”



Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistências, 2, 2023, Aquidauana. **Anais do II Congresso Nacional de Estudos Culturais: diálogos de resistência**, Aquidauana: Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, 2 a 4 de outubro de 2023.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao debaterem em suas letras constantemente expondo seus desejos sexuais, poderio dese corpo e principalmente sobre saúde sexual no funk, essas mulheres criam um movimento denominado funk-sensual que vai conscientizar as outras sujeitas faveladas a cuidarem do seu corpo e prevenir-se sexualmente contra ISTs. O funk que antes era um cenário violento vai aos poucos se tornando algo relacionado ao prazer, trazendo a sensualidade para os bailes e mudando para sempre o ideal do movimento.

O explícito prazer no funk, considerado como “putaria”, abriu as portas para o diálogo sobre a sexualidade feminina favelada, de certa forma, esse movimento quebra a esferacolonial da mulher preta como conivente aos estigmas que lhes foram impostos, devolvendo novamente à essas mulheres, mesmo que em menor escala, a autoestima e direito de escolha que lhes foi tirada.

Dessa forma, o funk sensual se revela não apenas como um aspecto musical, mas como um acontecimento de mudanças sociais e uma ferramenta de empoderamento para as mulheres negras, que reivindicam o direito não apenas de existir, mas também de se manifestar, amar e decidir sobre seus próprios corpos e destinos.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL,

Ramón. (org.). *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2. ed.; 3. reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2020. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

hooks, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

SOU FEIA MAS TÔ NA MODA. Denize Garcia. Brasil, Imovision, 2006.

TELLES, Juan; ZAMORA, Maria Helena; ROSANTE, Rosângela. Colonialidade e racismo no Brasil: a raça em questão. *Polêm!ca*, v. 21, n. 2, maio/ago. 2021. p. 069-085.

XAVIER, Raísa Santos. A solidão da mulher negra e os reflexos na dignidade da pessoa humana. *Revista Eletrônica OAB/RJ*. Rio de Janeiro | Edição Especial “O Direito e as Mulheres Negras”. 05/2021. Disponível em:

<https://revistaeletronica.oabRJ.org.br/wp-content/uploads/2021/05/Solid%C3%A3o-da-mulhe-r-negra-e-os-reflexos-na-dignidade-da-pessoa-humana-convertido.pdf>